

Lago Paranoá exige mais vigilância

Acidentes no Lago Paranoá têm se repetido com preocupante frequência. Vale citar os casos mais recentes. Há menos de 15 dias, catamarã afundou parcialmente no espelho d'água próximo ao Palácio da Alvorada. Apesar da profundidade do local, os dois tripulantes saíram ile-sos graças à ação imediata do Corpo de Bombeiros. Em 22 de maio de 2011, o barco Imagination naufragou com 110 passageiros a bordo — 18 acima da capacidade. Saldo: 9 mortos. Um ano antes, lancha também com excesso de passageiros imergiu. Duas irmãs perderam a vida.

No domingo, nova tragédia abalou a capital da República. Colisão entre duas lanchas matou uma pessoa e feriu cinco. A catástrofe decorreu de manobra que atropelou outra embarcação e atingiu a cabeça de um passageiro. Segundo testemunhas, os dois veículos estavam em alta velocidade e nenhuma pessoa usava salva-vidas como manda a lei.

Embora não se tenha o laudo pericial, que só deve ficar pronto em 45 dias (policia) e 90 dias (Marinha), pode-se afirmar que outra vez a imprudência desempenhou papel de destaque no drama. Sob o império do comigo não acontece, os cuidados básicos deixam de ser observados. Embora até as pedras tenham conhecimento da exigência dos itens de segurança, os envolvidos no acidente dispensaram os coletes que impedem afogamentos.

Cidade de clima desértico, é natural que o Distrito Federal tire o maior proveito do Lago Paranoá. Não é por acaso que a capital da República conta com a terceira frota de barcos de esporte e recreio do país. Fica atrás apenas de São Paulo e Rio de Janeiro. Segundo a Delegacia Fluvial de Brasília, 2 mil embarcações navegam pelas águas seja para proporcionar lazer à população, seja para satisfazer a curiosidade de turistas que visitam a cidade cuja arquitetura constitui museu ao ar livre. Famílias saem para pescar ou fazer passeios.

Dada a importância indiscutível do lago, impõe-se aumentar a vigilância para prevenir acidentes. Quem navega tem de usar coletes salva-vidas. A desobediência à norma deve merecer punição capaz de inibir a prática que rouba vidas. Abusar da velocidade é outro problema que se repete a olhos vistos. Talvez ambos os desvios tenham um denominador comum. Trata-se do consumo de bebida alcoólica, aliado ao de drogas ilícitas — combinação não rara entre os que usufruem os prazeres do lago.

Campanhas de esclarecimento são bem-vindas. Quem assume a direção de lancha ou de outra embarcação precisa ter consciência da responsabilidade que tem nas mãos. Ele dirige por si e pelos demais. O uso da inteligência e dos recursos da informática não podem ser desprezados. Prevenir, vale frisar, é melhor que remediar. Salva vidas.